

29 de novembro de 1951

### O Vôo de cada um

A vida que não tem raízes encontra no movimento a sua vocação. O poeta afirma que as árvores emudeceram porque enraizaram-se, e os pássaros cantam porque voam. Nos homens, a grande imaginação acaba repousando na onipresença. Mais veloz que a luz, o espírito se desloca deixando no corpo que o alimenta um abismo de desejo. A matéria densa não o acompanha, e nessa frustração nasce a necessidade de uma obra que a supere. As asas são o primeiro ímpeto da imaterialidade. É por isso que existem os anjos, e os mais belos símbolos humanos tomam a forma dos pássaros, como o amor sob a lente freudiana, no estranho pássaro noturno.

Na história da técnica, compulsando velhas publicações, que parecem mais velhas ainda porque datam do fim do século passado e do princípio deste, vamos encontrar uma estranha galeria de modelos que representa o caminho do espírito humano no seu esforço pela conquista do ar. Começando com aqueles pássaros ingênuos da mecânica nas suas primeiras tentativas de vôo. Ainda não estávamos livres do jugo que sobre nossas concepções exercem as coisas já vistas, os modelos já existentes, essa tendência para a cópia quando desejamos criar alguma coisa e, ainda não dispendo de uma força de originalidade suficiente, sem querer trabalhamos submetidos ao demônio da analogia. Quando o homem pensou seriamente em voar, não podia estar longe dos pássaros. Seus primeiros modelos eram os pássaros impossíveis. Só mais tarde, pelo exercício da experiência e da meditação, os criadores isolados começaram a pensar mais livremente. Nasceram então algumas estranhas figuras de pássaros rígidos, com asas diferentes das asas que a natureza sabe fazer, com impulso sem nenhuma semelhança com esse que palpita no coração da vida.

Comemorou-se, não faz muito, o cinquentenário do primeiro vôo. Esse nosso patrício que andou numa ronda mágica em torno da torre famosa, marcou o início de uma era em que começamos a satisfazer nossa necessidade de superação. Os aviões em cujo seio viajamos não nos dão precisamente aquilo que desejamos. Dentro dessa máquina apenas subsiste a vaga noção de perigo, uma atitude de fatalidade para que possamos conservar nosso sorriso, uma incapacidade de pensar e prever como será no momento preciso em que... Bem. O que desejaríamos era poder voar individualmente, e sem ter em torno dos limites da nossa pessoa física o anteparo da máquina. O que se deseja é um par de asas mecânicas facilmente manejáveis, e capazes de nos levarem em excursões fascinantes. Qualquer morro das proximidades, por mais banal que seja, por mais visto e cotidiano será então transfigurado pela nossa capacidade de atingi-lo com nossas próprias asas. A travessia do rio de sempre, do rio tranqüilo de todos os dias, do mesmo rio da nossa infância será uma aventura tão rica de emoções como um sonho acariciado em silêncio e, um dia, posto finalmente em realidade. O avião cabine coletiva que ainda não tem a velocidade dos tapetes mágicos, não consegue dar a homem a sensação de independência pessoal em pleno vôo. É por isso que na solidão de seus estúdios, homens dedicados à pesquisa técnica continuam procurando resolver o problema do vôo individual. É necessário que seja uma coisa prática, e de raio de ação relativamente vasto. As vezes encontramos em publicações atuários e notícias referentes ao assunto. E ao lado a ( )ôto do aparelho, como esse helicóptero em experiência, que se ajusta aos ombros e ergue no alto as pás de sua hélice poderosa. O pequeno motor é leve, adapta-se as costas do homem, seu comando deve ser muito fácil através de um jogo de alavancas. Preso com duas correias sob os braços, posto em marcha determina o tufão circular, no alto: a ascensão primeiro lenta depois mais acelerada, rumo do espaço onde começa a se desdobrar num cântico silencioso pelo seu isolamento sobre o mundo. É disso que os homens precisam, como lições de uma filosofia de evasão diante do espetáculo absurdamente monótono da planície da vida. Esse helicóptero ainda em experiência, ou talvez já em pleno uso, tão tarde chegam sempre para nós, nesta pobre América do Sul, as novas informações vindas da cidades da técnica. É desse aparelho individual que precisamos. O sonho dos primeiros construtores de máquinas que se elevaram no espaço não diferia muito desta aspiração

peçoal. A necessidade econômica dos vôos, o rumo que a navegação aérea tomou, deixaram na sombra esse desejo demasiadamente individualista. Ele sobrevive entretanto no íntimo de cada um.

Talvez os poetas deixassem de viver em seus poemas se pudessem voar materialmente. Muitas obras de arte, produto de uma aspiração esmagada que se transformou em música ou novela deixariam de existir se os seus autores dispusessem de um pequeno helicóptero individual para excursões aos domingos. Sobre a paisagem dos rios e das várzeas, sobre o mistério das florestas, acima dos telhados da vida urbana com sua hélice em turbilhão incessante, qualquer um de nós poderia se deslocar com a sensação mais próxima dos pássaros, realizando o vago das aspirações obscuras que determinam os impulsos da existência.

Contemplando os velhos modelos de aviões do princípio da era mecanizada que estamos vivendo, pensamos melancolicamente que o destino dessas máquinas sofreu um desvio inicial que só agora começamos a corrigir, talvez com sucesso. Os aparelhos de vôo deram um salto, e ficaram logo coletivos. Os que são, contudo negam ao piloto a emoção de se encontrar sozinho em pleno ar, pela presença em torno de asas enormes e um motor e uma cauda que desmentem a solidão do homem e criam o seio do pássaro.

É separado dos outros que o homem deseja sentir seu próprio poder.